

**Religião e Teologia:  
A quem interessa? É relevante na sociedade?  
Ensaio sobre a postura social da religião  
protestante nos clássicos**

**Religion and Theology:  
Who cares? Is it relevant in society?  
Essay on the social posture of the Protestant  
religion in the classics**

*Ronaldo de Paula Cavalcante<sup>1</sup>*

**RESUMO**

O Brasil, desde a década de 1990, contempla uma avalanche enorme de estudos a respeito da religião como fenômeno social e simultaneamente da teologia, em sua maior parte de origem cristã, mas com autonomia dos redutos denominacionais, ganhando uma maturidade acadêmica no claustro universitário. O presente artigo recupera importantes reflexões empreendidas no contexto da sociologia da religião em períodos anteriores, particularmente dos já clássicos Durkheim e Weber, além de outros mais anteriores ainda no campo dos estudos bíblicos, da antropologia, história e psicologia da religião, com impacto significativo no campo teológico. Trata-se, pois, de uma simples revisitação a eles, por entender que os mesmos continuam atuais. Fazendo assim, celebramos os dez anos da Cátedra “João Dias de Araújo” de Teologia Pública e Estudos de Religião da Faculdade Unida.

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em Teologia Pública pela Faculdades EST- São Leopoldo-RS, doutor em Teologia pela Universidad Pontificia de Salamanca, Espanha, é professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

**PALAVRAS-CHAVE**

Estudos de Religião; Teologia; Durkheim; Weber; Sociologia da Religião.

**ABSTRACT**

Brazil, since the 1990s, contemplates an enormous avalanche of studies regarding religion as a social phenomenon and simultaneously on theology, for the most part of Christian origin, but with autonomy from denominational strongholds, gaining an academic maturity in the university cloister. This article recovers important reflections undertaken in the context of the Sociology of Religion in previous periods, particularly the already classic Durkheim and Weber, as well as earlier ones in the field of biblical studies, anthropology, psychology, and the history of religion, with a significant impact on the theological field. It is, therefore, a simple revisitation to them, for understanding that they remain current. In doing so, we celebrate the tenth anniversary of the João Dias de Araújo Chair of Public Theology and Religious Studies at Faculdade Unida.

**KEYWORDS**

Religion Studies; Theology; Durkheim; Weber; Sociology of Religion.

## Introdução

A propósito dos dez anos da criação da Cátedra “João Dias de Araújo” de *Teologia Pública e Estudos de Religião* da Faculdade Unida, que desde sua gênese, procurou trazer a discussão e o debate acerca da *Religião* e da *Teologia* no mundo de hoje, este “ensaio”, integrante do presente “dossiê”, busca expressar a rica contribuição acadêmica e pastoral em língua portuguesa ao campo dos estudos de religião, revisitando algumas contribuições clássicas, pois gradualmente vão sendo esquecidas em nome da urgência do nosso *tempus religiosus*. Tal abordagem se justifica pela evidência de que o fenômeno religioso na atualidade, em especial no Brasil, deixou de ser algo marginal e apenas presente ou mesmo privativo, como proposto pela modernidade ocidental iluminista, para se tornar *performance* pública com repercussões importantes no cotidiano, inclusive na política.

O Brasil de hoje, sem entrar em juízo de valor, é um espaço de “Inundação religiosa”; é o que perguntava, anos atrás, o teólogo jesuíta João B. Libânio: “Que atitude crítica a fé cristã, de corte libertador, estabelece com essa inundação religiosa?”<sup>2</sup> Por isso, desde a década de 1980, os estudos de religião tornaram-se campo de pesquisa e produção acadêmicas, tanto na graduação quanto na pós-graduação, presentes em todas as regiões do país. Simultaneamente, a tradição teológica brasileira que em sua totalidade filiava-se a uma ou outra confessionalidade religiosa (católica ou protestante), oferecendo *cursum livres*, inicia o seu percurso na busca de autorização e reconhecimento da academia, junto a universidades públicas ou mesmo comunitárias e confessionais, muito embora ainda ficasse, durante anos, sob a tutela da filosofia, portanto, sem um *status* de maioria.

Entretanto, no último decênio, comprovada a sua significativa produção científica, pode conseguir sua almejada independência; uma autonomia rumo à solidificação em sua especificidade e, também, com liberdade de diálogo com as demais ciências, lidando com o contraditório típico do ambiente universitário, em particular com a grande área das humanidades, mas não só. Iniciou-se, pois, uma caminhada de pesquisa religiosa e teológica distinta da antiga tradição cristã, oriunda da idade Média e excluída do claustro universitário na modernidade; testemunhamos agora um campo religioso acadêmico que considera como tarefa também sua a luta por cidadania e direitos humanos sob o olhar balizador das grandes conquistas da filosofia clássica ocidental e dos imperativos éticos da cultura judaico-cristã, criticamente considerados. Uma jornada aberta ao espírito ecumênico cristão, *interna corporis* e, também, ao diálogo inter-religioso, com tradições religiosas fora do âmbito cristão. O resultado, em termos de produção, na forma de artigos, livros, simpósios, congressos é bem significativo, sinalizando alterações estruturais que indicam clara mudança de mentalidade a ser avaliada criteriosamente. Contudo, há que se reconhecer ainda uma preocupante distância cada vez mais perceptível entre o ambiente acadêmico dos estudos religiosos

---

<sup>2</sup> LIBÂNIO, João B. “Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação”. Disponível em: <https://domtotal.com/artigo/521/13/03/crer-num-mundo-de-muitas-crencas-e-pouca-libertacao/>. Acesso em 30/07/2022.

e teológicos e a prática pastoral nas comunidades religiosas. Quer dizer, um descompasso ideológico de agendas, de conteúdos na presença social. Particularmente, no caso brasileiro, isso veio à tona a reboque da condição política dos últimos anos. Nesse contexto é mais que necessário tentar entender o papel social e cultural tanto da religião quanto da teologia como *res publica*. No espaço limitado desse “dossiê”, o presente artigo reflexiona apenas sobre a religião como “fato social”, matriz de comportamentos e atitudes no cotidiano. Para tanto repassaremos, em forma de síntese, o percurso histórico dos “estudos de religião”, guardando para outro momento as reflexões acerca da “teologia pública” que possui no Brasil poucos anos de presença, porém, tem apresentado sinais alvissareiros em sua produção intelectual.

Juntamente com a sociologia da religião, numerosos estudos históricos, antropológicos, psicológicos, teológicos e filosóficos trataram do tema da religião<sup>3</sup>. Recomendo com destaque uma competente síntese dos estudos de religião descrita por Sérgio da Mata; iniciando o capítulo II com Eusébio de Cesareia e finalizando com Raffaele Petazzoni, ele discorre sobre dezenas de autores e obras. Quase ao término esclarece “que a sociologia nasce estreitamente ligada ao estudo dos fenômenos religiosos. Sob a firme liderança intelectual de Durkheim...”<sup>4</sup>. O que de certa

---

<sup>3</sup> Para uma abordagem mais ampla da religião, recomendo, em língua portuguesa os seguintes autores e obras: BLACKHAM, Harold J. *A religião numa sociedade moderna*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967; STARK, Rodney e BAINBRIDGE, William S. *Uma teoria da religião*. São Paulo: Paulinas, 2008; MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995; LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000; BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985; BERGER, Peter L. *Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes, 1996; BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017; MATA, Sérgio da. *História & religião*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010; WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Editora UNESP, 2012; SIMMEL, Georg. *Religião: ensaios*, volumes 1 e 2. São Paulo: Olho d’Água, 2009 e 2011; MARRAMAO, Giacomo. *Céu e terra: genealogia da secularização*. São Paulo: Editora UNESP, 1997; COX, Harvey. *A cidade do Homem*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1971.

<sup>4</sup> MATA, Sérgio da. *História & religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 66.

forma antecipa o que vem a seguir. Recomendo ainda algumas obras, em língua portuguesa, específicas de “sociologia da religião” que contribuem sobremaneira a entender o fenômeno social da religião<sup>5</sup>.

Destaco aqui, pelo menos seis pensadores: a) Edward B. Tylor (1832-1917) e sua obra *Primitive Culture* (1871) que pesquisava o *animismo* e o considerava como uma definição mínima de religião, prática inicial da construção religiosa da humanidade; b) William R. Smith (1846-1894) com sua obra *The Religion of the Semites* (1889), ressaltou o *totemismo* como um ato de união entre a divindade e seus adoradores, o sacrifício seria, pois, um ato de comunhão, portanto uma atitude social. O princípio da comunhão, segundo ele se tornou central nos sistemas religiosos; c) Andrew Lang (1844-1912), em sua obra *The Making of Religion* (1898), chamou a atenção para uma série de seres supremos cuja existência era reconhecida entre povos tão primitivos como, por exemplo, os aborígenes australianos. Segundo ele, a crença em deuses superiores é um traço genuíno e característico da religião primitiva; d) James Frazer (1854-1941), sua grande obra foi *The Golden Bough* (1933), nela postulava um progresso a partir da magia, através da religião, até chegar à ciência. Ele entendia que, dos inumeráveis espíritos do animismo, surgiu um sistema politeísta de deuses que controlavam os diversos setores da natureza; e) William James (1842-1910), sua obra *The Varieties of Religious Experience* (1902) inaugurou uma nova abordagem da religião com base na experiência, não poderia ser diferente, pois, trata-se de um dos importantes filósofos do pragmatismo. Para James a vivência da religião é a chave para entender o fenômeno religioso sem a necessidade de uma teoria; f) Rudolf Otto (1869-1937), com sua obra *Das Heilige* (1917), analisou fenomenologicamente o sagrado, conceituando-o como *tremendum, mysterium et fascinatum*, aspectos que sintetizam o caráter “numinoso” do sagrado, percebido de forma individual, mas que também se manifesta historicamente – uma *revelatio*. Otto procedia do mundo da teologia luterana.

---

<sup>5</sup> WACH, Joachim. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990; HERVIEU-LÉGER, Danièle e WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e Religião: abordagens clássicas*. Aparecida – SP, 2009; TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da religião*. Petrópolis: Vozes, 2003; FERRAROTTI, F. ... [et al.]. *Sociologia da religião*. São Paulo: Vozes, 1990.

## **A religião como objeto da Sociologia (XX) – Durkheim e Weber, novamente!**

Já dentro dos estudos sociológicos, a importância da religião para a construção social foi posta em relevo por Émile Durkheim (1858-1917)<sup>6</sup> em sua obra *Les Règles de la Méthode Sociologique* (1895), diferencia “fatos sociais”:

Eis, portanto uma ordem de fatos que apresentam características muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores aos indivíduos, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele. Por conseguinte, eles não poderiam se confundir com os fenômenos orgânicos, já que consistem em representações e em ações; nem com os fenômenos psíquicos, os quais só têm existência na consciência individual e através dela. Esses fatos constituem, portanto, uma espécie nova, e é a eles que deve ser dada e reservada a qualificação de sociais<sup>7</sup>.

Sendo assim, a realidade social última deve ser atribuída não ao indivíduo, mas ao grupo. Segundo Durkheim, os fenômenos sociais enraízam-se nos aspectos coletivos das crenças e práticas. Há maneiras de sentir, pensar e agir que não podem ser explicadas física e psicologicamente uma vez que são extrínsecas ao indivíduo e que ao mesmo tempo têm o poder de coerção sobre ele. Estas realidades, inexplicáveis, são, para Durkheim, os verdadeiros *fatos sociais* – padrões comportamentais de moralidade pública, observâncias religiosas e regras familiares que adquirem uma forma tangível e constituem uma realidade própria, à parte de suas manifestações particulares nos indivíduos. Parte integrante dessa *teia* social, ademais da família, escola e classes sociais, etc., é, sem dúvida alguma, a religião. De fato, para Durkheim, a religião era uma

<sup>6</sup> A importância dos estudos durkheimianos acerca da religião na sociedade, ver: WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Editora UNESP, 2012, p. 30-42; MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 58-74

<sup>7</sup> DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 3-4.

“coisa social” *par excellence*<sup>8</sup>. Tal constatação está revelada em duas obras fundamentais de Durkheim: *Le suicide* (1897) e *Les forms élémentaires de la vie religieuse: Le système totémique en Australie* (1912)<sup>9</sup>. Neste sentido, Deus seria, pois, a face santificada das tradições sociais, por sua vez legitimadas e autenticadas mediante o aspecto solene e hierofânico do fenômeno religioso em sua riqueza simbólica e simultaneamente uma necessária exigência coercitiva sobre os indivíduos.

Ele investigou cuidadosamente as médias de suicídio em vários segmentos da população europeia. Chegou à conclusão de que diferentes médias de suicídio são a consequência de variações na estrutura social, especialmente de diferenças em grau e tipo de solidariedade social. Assim, o *suicídio egoístico*, produto de integração de grupo relativamente fraca, prepondera naqueles grupos em que se observa falta de coesão social (por exemplo, entre solteiros e protestantes); e o *suicídio anômico*, a que as quebras das normas sociais induzem, é encorajado por bruscas mudanças características dos tempos atuais. Durkheim também tornou claro que a solidariedade social pode levar ao suicídio, afirmação ilustrada pelo 3º tipo, o *suicídio altruístico*, que aparece em alta média, por exemplo, em certas sociedades primitivas e em alguns exércitos modernos. Interessa-nos aqui as conclusões acerca do primeiro tipo, pois tem relação com grupos religiosos. Oferecemos a seguir, uma síntese textual de seu livro sobre esse tema:

Examinando o mapa dos suicídios europeus, reconhecemos à primeira vista que nos países puramente católicos, como Espanha, Portugal, Itália, o suicídio é muito pouco desenvolvido, ao passo que

---

<sup>8</sup> O’DEA, Thomas F. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Pioneira, 1969, p. 23. Vale lembrar aqui a ideia já clássica de Durkheim de que a partir da religião se podia dividir toda a vida humana em duas esferas absolutamente heterogêneas: o *sagrado* e o *profano*. Ideia semelhante foi desenvolvida pelo importante antropólogo MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, ciência e religião*. Lisboa: Ed. 70, 1988, que reconhecia, a partir de seus estudos de campo no pacífico sul (Ilhas Trobriand), a existência de elementos empíricos e supra-empíricos na cosmovisão daquela cultura. Também estabeleceu as semelhanças e diferenças entre magia e religião. Sobre tema correlato, o também clássico de ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

<sup>9</sup> Ambas em português: *O suicídio* (São Paulo: Martins Fontes, 2000) e *As formas elementares de vida religiosa* (São Paulo: Paulinas, 1989).

atinge seu máximo nos países protestantes como Prússia, Saxônia, Dinamarca. (...) A civilização da Espanha e a de Portugal estão bem abaixo da civilização da Alemanha; pode ser, portanto, que essa inferioridade seja a razão do que acabamos de constatar no desenvolvimento do suicídio (...) De todos os grandes Estados da Alemanha, é a Baviera que conta, de longe, menos suicídios, ou seja, apenas 90 suicídios anuais por milhão de habitantes desde 1874 (...). Ora é lá também que os católicos são mais numerosos (Quanto à Suíça) Os cantões católicos apresentam quatro e cinco vezes menos suicídios do que os cantões protestantes<sup>10</sup>.

Durkheim ressalta a prática do *livre exame* no protestantismo como um fator fundamental para explicar a diferença com o catolicismo. Este se mostra avesso a mudanças e por isso mesmo favorece a tradição, engenhosamente construída, o que, certamente comunica aos seus fiéis estabilidade e segurança. Ele diz que “Tudo o que é variação horroriza o pensamento católico”<sup>11</sup>. A fé protestante opta pelo risco da experiência de fé, o caminho do indivíduo. Durkheim esclarece:

O protestante é mais autor de sua crença. A Bíblia é colocada em suas mãos e nenhuma interpretação lhe é imposta. A própria estrutura do culto reformado torna perceptível essa condição de individualismo religioso. Em nenhum lugar, salvo na Inglaterra, o clero é hierarquizado; o sacerdote só depende de si mesmo e de sua consciência, assim como o fiel. É um guia mais instruído do que o comum dos crentes, mas sem autoridade especial para estabelecer o dogma. Mas o que melhor atesta que essa liberdade de exame, proclamada pelos fundadores da reforma, não permaneceu no estado de afirmação platônica é a multiplicidade crescente de seitas de todo tipo, que contrasta tão intensamente com a unidade indivisível da Igreja católica<sup>12</sup>.

De tudo o que Durkheim analisou em seu tratado sobre o *Suicídio* ele concluiu sobre a fé protestante:

---

<sup>10</sup> DURKHEIM, 2000, p. 177-180.

<sup>11</sup> DURKHEIM, 2000, p. 185.

<sup>12</sup> DURKHEIM, 2000, p. 186.



... quanto mais um grupo confessional deixa ao julgamento dos indivíduos, mais ele está ausente de sua vida, menos tem coesão e vitalidade. Chegamos, portanto, à conclusão de que a superioridade do protestantismo do ponto de vista do suicídio provém do fato de ele ser uma Igreja menos fortemente integrada do que a Igreja católica<sup>13</sup>.

Joachim Wach comenta que o protestantismo é “propenso, em geral, a colocar ênfase mais forte sobre o indivíduo e sobre a sua responsabilidade direta perante Deus”<sup>14</sup>. Por tal característica, o protestantismo desenvolve em sua psique a capacidade de abrigar em seu interior forças contrárias; assim, “o Metodismo, por exemplo, destaca mais o indivíduo do que o Anglicanismo; como também o pietismo em relação à Igreja luterana e, sobretudo, o movimento anabatista com relação a todos os segmentos protestantes.

Com Durkheim, percebe-se uma valorização do fenômeno religioso como artífice da dinâmica social, como forjador comunitário. Tal renovação pode ser vista nas posições funcionalistas do antropólogo Radcliffe-Brown (1881-1955), por exemplo; embora dissentindo de Bronislaw Malinowski (1884-1942) que aponta para a criação da religião em situações limites de contingência, impotência e escassez como fruto de frustrações e privações; afirma a aparição de sentimentos como angústia, perigo e insegurança a partir dos ritos e crenças, reconhecendo que o estabelecimento de tais ritos em uma sociedade, acompanhado de suas crenças influirá no comportamento e serão importantes causas e não apenas efeitos. Segundo ele, a prática do rito auxilia na criação de sentimentos de dependência e angústia, para depois superá-los. Como muito bem explicou Ó Dea,

[os ritos] protegem o indivíduo contra a contingência e o perigo, pois ele pode antecipá-los e enfrentá-los simbolicamente. Dessa forma, reduzem a angústia que a situação criaria para pessoas sem o padrão de resposta, e evitam os efeitos desorganizadores da situação<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> DURKHEIM, 2000, p. 188.

<sup>14</sup> WACH, 1990, p. 43.

<sup>15</sup> Ó DEA, 1969, p. 21. Pode-se entender muito bem a criação de ritos, diante do perigo iminente, tanto quanto a utilização dos mesmos com o fim de proteção ou em busca

Na sua obra magna, *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim, ao comparar magia e religião, ressalta que “Não existe igreja mágica... a religião é inseparável da ideia de igreja”<sup>16</sup>. Com isso pode-se constatar que a participação na ordem sagrada, por exemplo, nos rituais ou cerimônias dá um prestígio social especial, ilustrando uma das funções sociais da religião. A própria pode ser definida como um sistema unificado de crenças e práticas relativas às coisas sagradas. Estas unificam o povo em uma comunidade moral, uma igreja. Durkheim conclui, com a seguinte definição:

...uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem... mostrando que a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja, faz pressentir que a religião deve ser coisa eminentemente coletiva<sup>17</sup>.

Com isto, se abriram importantes espaços de estudo e pesquisa em relação a uma *sociologia da religião* propriamente dita, porém, com uma significativa construção interdisciplinar, em diálogo contínuo com outros ramos do conhecimento.

No mesmo período de Durkheim, o sociólogo alemão Max Weber (1864-1920)<sup>18</sup>, afirma o papel socioeconômico da religião. Ao assim fazer, trafega com impressionante e cativante desenvoltura científica. Nesse particular, abre-se a discussão sobre se sua obra mais conhecida, a *Ética protestante e espírito do capitalismo*, é um ensaio de sociologia ou

---

de segurança em situações adversas. Porém, nesses casos nos referimos àqueles símbolos objetivos e extrínsecos. Que dizer, no entanto, dos sentimentos subjetivos e internos? Como o próprio Malinowski reconheceu, o rito religioso, diferentemente da magia, consegue exprimir e substancializar os sentimentos dos participantes.

<sup>16</sup> DURKHEIM, 2000, p. 76-77.

<sup>17</sup> DURKHEIM, 2000, p. 79.

<sup>18</sup> A produção acadêmica sobre a religião em Max Weber é extensa, aqui, indico alguns em língua portuguesa: PIERUCCI, Antônio F. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Ed. 34, 2003; MATA, Sérgio da. *A fascinação weberiana: as origens da obra de Max Weber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020, p. 193-267; SCHLUCHTER, Wolfgang. *O desencantamento do mundo: seis estudos sobre Max Weber*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

de história? A partir da teologia, não tenho como argumentar satisfatoriamente. Contudo, tenho a impressão, *a priori* de se tratar de *sociologia religiosa* com incontestável aparato crítico historiográfico<sup>19</sup>. Poderia ser também, uma história com fortes elementos sociológicos, como parece indicar Gabriel Cohn quando comenta sobre o escrito, “O estado nacional e a política econômica”, alega que “Nele transparece tanto a sua formação prévia de historiador habituado a manejar vasta documentação quanto a sua experiência de pesquisa propriamente sociológica”<sup>20</sup>. De minha parte, reitero, porém, que em sua *Ética*, sobressai o Weber sociólogo com abundante e sólida fundamentação histórica.

A pertinência da tese weberiana está em que propõe uma radical inversão; na verdade, uma total subversão na maneira de interpretar os fatos sociais, em que a religiosidade deixa de ser, como pensava K. Marx e outros, o produto de uma situação social enferma, fruto da alienação humana em um ambiente social de classes, desigual; para se posicionar como matriz de comportamentos, causadora de posturas culturais. Reside nesse ponto preciso a grande virtude de Weber, uma vez que a crítica marxista da religião, em geral, recebida e aprovada pela intelectualidade europeia, racionalista, iluminista e liberal, sutilmente não culpava a religião de nada, isso seria reconhecer algo nela, e para Marx, baseando-se em Ludwig Feuerbach, que a definia como uma projeção, portanto, tão somente uma criação humana em busca de sentido e segurança, um fenômeno marginal e, assim, ela era, a maior de todas as ilusões, como igualmente pensava Sigmund Freud, nesse pano de fundo, Weber foi certamente um contraponto.

Weber considerava que ao problema humano do sentido e significado existencial, a religião, de uma maneira eficaz, oferecia uma resposta final. A religião é, pois, um fator causal na determinação da ação. No caso específico do protestantismo, estudo por Weber, a sua força é vista como indispensável (mas não a única) para o surgimento do fenômeno da modernidade ocidental, com seus valores inerentes de individualismo, liberdade, democracia, progresso, etc. Em seu aspecto institucional,

---

<sup>19</sup> Ver a respeito: MATA, Sérgio da. *A fascinação weberiana...*, p. 243-267; todo o capítulo IX dedicado a esta questão.

<sup>20</sup> COHN, Gabriel (org.). *Weber*. São Paulo: Ática, 1999, p. 18.

o fenômeno religioso protestante assume a forma de “igreja” e como tal, serve por um lado para preservar e dar estabilidade a um determinado *status quo*, a tessitura estrutural de uma sociedade, bem como de um *modus vivendi* tradicional. Por outro lado, e buscando a fidelidade a um dos axiomas básicos exarados da Reforma – indivíduo/individuação/individualismo, como também percebido por Durkheim – a igreja pode abrigar “seitas” que protestam contra as condições vigentes, e assim pode servir de uma influência revolucionária em potencial. Obviamente nesse aspecto, haveria que diferenciar entre os vários protestantismos, e Weber havia percebido isso.

Como é sabido, o tema da religião está presente em alguns escritos de Weber. O mais conhecido é o ensaio *Die protestantische ethik und der geist des kapitalismus* (1904-1905)<sup>21</sup>, e posteriormente, a obra *Wirtschaft und gesellschaft: grundriss der verstehen den soziologie* (1920)<sup>22</sup>. Em língua portuguesa, no tema da religião, temos duas publicações em forma de textos selecionados<sup>23</sup>. Ademais dos vários comentários a Weber, vale muito a pena consultar a obra de R. Bendix<sup>24</sup>. O conjunto desses escritos de Weber acerca da religião, em especial sobre o protestantismo dá-nos uma forte impressão de que religião é uma das fontes causadoras de mudanças sociais. Para ele, o processo de racionalização religiosa ou “desencantamento do mundo” e a ideia de “vocação” culminaram no calvinismo do séc. XVII e em muitos outros movimentos, chamados por ele de *seitas* que, em seu momento teriam um papel fundamental na modernidade ocidental.

---

<sup>21</sup> No Brasil dispomos de duas traduções: WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: 1967; WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Edição de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>22</sup> WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, no capítulo V, p. 279-418; WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, no capítulo IX, p. 362-408.

<sup>23</sup> WEBER, Max. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Ícone editora, 2010; WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982, p. 309-410.

<sup>24</sup> BENDIX, Reinhard. *Max Weber, um perfil intelectual*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986, p. 67-225.

De fato, para Weber, o processo histórico de *Entzauberung der Welt* = desmágicização/desencantamento do mundo e o conceito de *Beruf* = vocação/chamado; são elementos fundamentais em sua teoria para a compreensão dos aspectos sociais e econômicos da religião. O desencantamento do mundo pode ser verificado em vários momentos da extensa obra de Weber. Pierucci cataloga nada mais que dezessete citações com minuciosos comentários e conceituações elaborados por Weber<sup>25</sup>. Detenho-me apenas nas citações diretamente ligadas ao segmento protestante que Weber privilegiou:

Aquele grande processo histórico-religioso do *desencantamento* do mundo que teve início com as profecias do Judaísmo antigo e, em conjunto com o pensamento científico helênico, repudiava como superstição e sacrilégio todos os meios *mágicos* de busca da salvação, encontrou aqui sua conclusão. O puritano genuíno ia ao ponto de condenar até mesmo todo vestígio de cerimônias religiosas fúnebres e enterrava os seus sem canto nem música, só para não dar trela ao aparecimento da *superstition*, isto é, da confiança em efeitos salvíficos à maneira mágico-sacramental<sup>26</sup>.

A esse respeito, Schluchter confirma que “É a partir desse entendimento que ele foi retomado por Weber na edição revista de seu estudo sobre o protestantismo ascético”<sup>27</sup> – um ascetismo intramundano que, segundo esse autor se referia ao movimento puritano, em especial de corte calvinista, presente em alguns grupos protestantes. A respeito disso, Weber vê bem claro a diferença do *ethos* protestante em relação ao catolicismo, quando registra que “O desencantamento do mundo não foi realizado na piedade católica com as mesmas consequências que na realidade puritana”<sup>28</sup>. Assim, vale sublinhar que o processo de superação da magia, de sua eliminação como instrumento salvífico sacramental a partir da Reforma Protestante, foi a temática central desenvolvida por Keith Thomas em sua obra seminal onde argumenta citando Weber,

---

<sup>25</sup> PIERUCCI, 2003, p. 47-57.

<sup>26</sup> WEBER, 2004, p. 96.

<sup>27</sup> SCHLUCHTER, 2014, p. 40.

<sup>28</sup> WEBER, 2004, p. 106.

“Não surpreende que Max Weber tenha concluído que nenhuma religião contribuiu tanto quanto o puritanismo para identificar as realizações econômicas com o êxito espiritual<sup>29</sup>. Mais adiante, ele recorre novamente ao sociólogo alemão:

Foi o abandono da magia que possibilitou a erupção da tecnologia, e não o contrário. Na verdade, como sublinhou Max Weber, a magia era potencialmente “um dos mais sérios obstáculos à racionalização da vida econômica” (...) A tradição racionalista da Antiguidade clássica fundiu-se com a doutrina cristã de uma Providência única que tudo dirigia para produzir o que Weber chamou de “desencantamento do mundo” (...) Uma crença religiosa na ordem era premissa necessária à subsequente obra dos cientistas naturais<sup>30</sup>.

*Pari passu* com o uso do *Entzauberung der Welt*, Weber usaria com profusão a expressão *Beruf* (uma profissão específica), que, entretanto, ganha na Reforma um novo sentido, uma nova tradução; “Weber interessa-se, pois, pela questão de como a profissão mundana recebeu uma valorização ética, de que forma o trabalho tornou-se profissão [*Beruf*] e, mais importante ainda, de como a profissão [*Beruf*] tornou-se vocação [*Berufung*]<sup>31</sup>. Na sua *Ética*, ele dedica todo o capítulo 3: “O conceito de vocação em Lutero” na análise este vocábulo recuperando sua “conotação religiosa – a de uma missão dada por Deus”<sup>32</sup> e igualando-o ao termo em inglês *calling* (chamado), quer dizer, cada cristão é chamado por Deus a servi-Lo em sua própria atividade laboral. Como ele bem explica a seguir:

Uma coisa antes de mais nada era absolutamente nova: a valorização do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas

<sup>29</sup> THOMAS, Keith. *Religião e o declínio da magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 84.

<sup>30</sup> THOMAS, 1991, p. 535.

<sup>31</sup> SCHLUCHTER, Wolfgang. *O desencantamento do mundo...*, p. 101. Aqui temos somente uma síntese bem reduzida do tema. As extensas notas técnicas de Weber sobre a questão semântica do uso de *Beruf*, envolvendo idiomas como, hebraico, grego, latim e alemão entre outros, nos dá uma ideia da magnitude de sua pesquisa, conforme se vê em sua *Ética* (2004), nas notas 53, 54, 55, 56, 57, 68, 75 p. 186-193; 197; 199.

<sup>32</sup> WEBER, 2004, p. 71.

como o mais excelso conteúdo que a autorrealização moral é capaz de assumir. Isso teve por consequência inevitável a representação de uma significação religiosa do trabalho mundano de todo dia e conferiu pela primeira vez ao conceito de *Beruf* esse sentido. No conceito de *Befuf*, portanto, ganha expressão aquele dogma central de todas as denominações protestante que condena a distinção católica dos imperativos morais em *praecepta* e *consilia* e reconhece que o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantar a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida, a qual por isso mesmo se torna a sua “vocação profissional”<sup>33</sup>.

Não obstante, Weber, em vários momentos, reconhecia a clara diferença entre Lutero e os calvinistas, especial, os puritanos. Segundo ele, “A autoridade da Bíblia, da qual Lutero julgava ter tirado a ideia de *Beruf*, no conjunto, pendia totalmente para uma orientação tradicionalista... não só permaneceu tradicionalista, como tradicionalista foi ficando cada vez mais”<sup>34</sup>. Seu contemporâneo e amigo Ernst Troeltsch, em um escrito de 1906 (*Die Bedeutung des Protestantismus für die Entstehung der modernen Welt*), compartilha a ideia de Weber da distinção entre luteranismo e calvinismo, para ele, sobre a importância para a vida moderna social, econômica “a significação do calvinismo é muito maior que a do luteranismo...jamais a piedade luterana acolheu um impulso para um desenvolvimento econômico forte”<sup>35</sup>. De fato, Troeltsch reconhece tal diferença em sua obra principal (*Die Soziallehren der christlichen Kirchen und Gruppen*) de 1912 estabelecendo a conexão de calvinismo com o capitalismo citando Max Weber e Werner Sombart, diz ele que:

A contribuição do calvinismo para a formação do sistema capitalista em si não é o aspecto mais importante da questão. Isso só fica claro quando, com Weber e Sombart, indagamos sobre o “espírito” ético e a visão de mundo, ou o temperamento econômico<sup>36</sup>.

<sup>33</sup> WEBER, 2004, p. 72.

<sup>34</sup> WEBER, 2004, p. 75-76.

<sup>35</sup> TROELTSCH, Ernst. *El protestantismo y el mundo moderno*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 36 e 74.

<sup>36</sup> TROELTSCH, Ernst. *The Social Teaching of the Christian Churches*. London/New York: George Allen & Unwin LTD/THE Macmillan Company, 1956, p. 645.

Werner Sombart, por sua vez, menciona, logo no prefácio, Weber e a ligação desses avanços sociais, a partir da Reforma calvinista, com o antecedente econômico do judaísmo e reconhece que:

As investigações de Max Weber sobre a conexão do puritanismo e capitalismo forçosamente me levaram a investigar, melhor do que havia feito até o momento, o rastro da influência da religião sobre a vida econômica, e foi ao fazê-lo que me acerquei pela primeira vez da questão dos judeus. Isto porque o resultado de um exame preciso da argumentação weberiana foi que todos aqueles componentes do dogma puritano, que me parecem ter real importância para a formação do espírito capitalista, constituem empréstimos da esfera de ideias da religião judaica<sup>37</sup>.

Mais à frente, no cap. IX e seção VII, “Judaísmo e puritanismo”, voltando a mencionar Weber, Sombart aprofunda a análise da conformidade “... de concepções religiosas com interesses aquisitivos: o tratamento calculista dado ao problema do pecado e de algumas outras coisas são iguais, nos dois casos”<sup>38</sup>. Ademais, Sombart salienta a existência no Reino Unido de um protestantismo puritano repleto de ideias, símbolos, gestos, linguagem e literatura do judaísmo, comprovando um vínculo estreito na vida espiritual, doutrinária e prática de ambas as religiões. Não deixa de ser curioso e até paradoxal, uma vez que o protestantismo, descolando-se do eixo ethos-doutrinário judaico-católico em nome da liberdade de consciência, exame e expressão, abrigue em seus quadros movimentos e seitas, na linguagem utilizada por de Troeltsch, Weber e outros que desenvolvam uma vivência com características judaicas [e, em certa medida, católicas] indicando intenções de dominação das mentes, por meio de uma moralidade estrita em sentido doutrinário e prático. Como se, de modo inconsciente, nutrissem a falta de controle, de um *corpus legalis*, ou mesmo um direito canônico, o que poderia ser mitigado no rigor da disciplina. Nessa alternativa, a única saída era realmente se dedicarem ao trabalho. Weber, a propósito da pregação de Richard Baxter e certamente para John Bunyan e outros, como modelo do puritanismo, pontua:

---

<sup>37</sup> SOMBART, Werner. *Os judeus e a vida econômica*. São Paulo: editora UNESP, 2014, p. 1.

<sup>38</sup> SOMBART, 2014, p. 363.



[...] trabalho duro e continuado, tanto faz se corporal ou intelectual... Primeiro, o trabalho é um meio ascético há muito comprovado, desde sempre apreciado na Igreja do Ocidente... É o preservativo específico contra todas aquelas tentações que o puritanismo junta no conceito de *uncleanlife* [vida impura] – cujo papel não é pequeno<sup>39</sup>.

Trabalho que Weber entenderá como a principal e única característica “mundana” do puritanismo, algo ordenado por Deus e principal fator de sucesso profissional, de prosperidade, tendo lucro e riqueza como benefícios, que só se tornariam condenáveis, se causassem a inatividade, o ócio, a dissipação, a conversação frívola, a perda de tempo, algo, aliás, mais valioso para o puritano que o próprio dinheiro. Assim, na mentalidade puritano-calvinista, que foi se formando, a maior prova da predestinação de Deus, quer dizer, da formação do novo Israel de Deus eleito como o remanescente fiel, era o trabalho e o seu fruto. O ganho econômico<sup>40</sup>, portanto tornou-se uma alavanca para a economia nos países que abraçaram a fé reformada, menos entre os luteranos, mais entre os calvinistas e mais entre as outras confissões que adoram as máximas puritanas, batistas, metodistas, quakers, pietistas e outros. Talvez esteja aqui o grande mérito de Weber – perceber a forte imbricação entre crença religiosa e trabalho e como isso realmente teve influência e participação na formação da modernidade e, conseqüentemente, no próprio “desencantamento do mundo”.

## Conclusão

As reflexões de dezenas de autores clássicos especialmente de Durkheim e Weber, de cem anos atrás, com todas as reações críticas que foram surgindo, advindas dos ambientes universitários e intelectuais em todo o Ocidente, nas diversas escolas de pensamento, congressos, simpósios, milhares de publicações etc., tornam suas obras ainda atuais.

---

<sup>39</sup> WEBER, 2004, p. 144.

<sup>40</sup> A conexão entre protestantismo e capitalismo, claro, foi contemplada com minúcias por Weber e localizado no puritanismo. Ver a respeito da ação cultural do puritanismo: MERTON, Robert K. *Ciencia, tecnologia y sociedad em la Inglaterra Del siglo XVII*. Madrid: Alianza editorial, 1984, p. 85-163.

O rigor crítico de ambos, certamente uma herança kantiana, e o respeito para com as tradições religiosas, como verdadeiras expressões culturais, são importantes elementos a serem replicados nos estudos de religião na atualidade. Tal prática nos ajudaria muito a tratar da questão religiosa no Brasil de hoje. Obviamente o segmento protestante estudado por eles não é o nosso, no entanto, as pistas metodológicas de pesquisa e o entendimento da psique religiosa moderna, desencantada e secularizada, nos pode servir de grande auxílio. Um importante sinal da quebra de paradigma no estudo das ideias e práticas religiosas é o fato de discutirmos hoje a relevância social, política e cultural da teologia, de uma *Teologia Pública*, fora dos gabinetes, presente na rua, no mercado, no parlamento, no lugar dos excluídos, no campo e na cidade. Sim, uma teologia pública, para um público que necessita do sentido teológico da existência humana, da presença de um Deus pai-mãe que, antes de tudo acolhe e faz superar a dor da adversidade e luta com a humanidade por justiça social. Mas esse é um tema para outro momento!

### Referências

- BENDIX, Reinhard. *Max Weber, um perfil intelectual*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.
- COHN, Gabriel (org.). *Weber*. São Paulo: editora Ática, 1999.
- DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LIBÂNIO, João B. “Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação”. Disponível em: <https://domtotal.com/artigo/521/13/03/crer-num-mundo-de-muitas-crencas-e-pouca-libertacao/>. Acesso em 30/07/2022.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, ciência e religião*. Lisboa: Ed. 70, 1988.
- MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

- MATA, Sérgio da. *História & religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- MATA, Sérgio da. *A fascinação weberiana: as origens da obra de Max Weber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020.
- MERTON, Robert K. *Ciencia, tecnología y sociedad em la Inglaterra del siglo XVII*. Madrid: Alianza editorial, 1984.
- O'DEA, Thomas F. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Pioneira, 1969.
- PIERUCCI, Antônio F. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. *O desencantamento do mundo: seis estudos sobre Max Weber*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.
- SOMBART, Werner. *Os judeus e a vida econômica*. São Paulo: editora UNESP, 2014.
- THOMAS, Keith. *Religião e o declínio da magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- TROELTSCH, Ernst. *The Social Teaching of the Christian Churches*. London/ New York: George Allen & Unwin LTD/THE Macmillan Company, 1956.
- TROELTSCH, Ernst. *El protestantismo y el mundo moderno*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- WACH, Joachim. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Edição de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WEBER, Max. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Ícone editora, 2010.
- WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. 2. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

Submetido em: 03/08/2022

Aprovado em: 02/12/2022